



União Democrática Popular – Associação Política

Tribuna #2

10ª Conferência Nacional da
UDP – associação política

Tribuna #1 da 10ªCN da UDP-AP

Local da sessão final da 10ª Conferência Nacional.....	3
Projeto de teses 1: 100 Anos de Outubro: fazer presente a consciência revolucionária	4

Local da sessão final da 10ª Conferência Nacional

A 10ª Conferência Nacional terá lugar no Hotel Zurique, Rua Ivone Silva, nº18 – Lisboa (próximo da estação de Entrecampos).

Projeto de teses 1: 100 Anos de Outubro: fazer presente a consciência revolucionária

O resgate do ideal comunista para a consciência coletiva só pode ser feito pela ação dos e das comunistas nas lutas sociais e políticas em que participam e na divulgação e debate de ideias. O marxismo renova-se com essa prática de luta e de debate. A UDP não se demite desse combate.

9ª Conferência Nacional da UDP-AP, Lisboa – Hotel Zurique, 11 de abril de 2015

1 – Primeiros passos das novas tarefas coletivas

1.1 A 9ª Conferência Nacional afirmou a importância do acervo de luta da nossa associação comunista. Manifestando assim a necessidade de encontrarmos novas formas de debate e divulgação do ideal comunista.

1.2 **A Comuna continua a ser uma importante ferramenta para o debate de ideias.** Cumprindo os objetivos propostos pela 9ª Conferência Nacional, a Direção Nacional procurou encontrar a melhor forma de realçar o papel desta revista de ativistas sociais. A DN chegou mesmo a instituir um novo grupo de trabalho para A Comuna. Acabando mais tarde, devido a indisponibilidade de alguns membros do grupo, por ser diretamente a DN a assumir as tarefas do debate da revista e da sua execução. O resultado dessa forma de trabalho é positivo e deve ser-lhe dado continuidade, sem prejuízo de poder integrar outras pessoas, para além da DN, nas tarefas da revista. Também a periodicidade semestral, apesar das inflexões a que a luta política e social obrigam, se tem revelado a mais adequada.

1.3 **Contribuímos para o debate do "Feminismo em Ação".** Fazendo um alerta para o avanço do conservadorismo e do reacionarismo, a Conferência Nacional propôs à nova Direção Nacional “uma edição e/ou um momento de encontro dedicado ao tema ‘Catarina Eufémia, mulher e trabalhadora’” como “um pretexto para reagrupar novas e velhas questões do feminismo e do marxismo”. Essa tarefa foi parcialmente cumprida, noutros moldes. Não se cumpriu ainda a síntese entre a recordação de Catarina Eufémia e os debates atuais do feminismo, no entanto a 19 de maio de 2015 a UDP-AP participou na homenagem a Catarina

Eufémia. E, em agosto de 2015, publicámos A Comuna 33 sob o título "**Feminismo em Ação**". Esse número teve 12 artigos, dos quais oito dedicados a diferentes aspetos e lutas feministas, dois sobre movimentos sociais e dois dedicados à luta política na Grécia. Além de contar com colaborações de ativistas de outros países, este número teve a particularidade de colocar debates importantes e atuais como a questão do "feminismo pop" e, simultaneamente, responder a questões quentes do momento político – nomeadamente procurando ser o mais atual possível ao nível da luta política grega.

1.4 Publicámos ideias originais acerca da "Luta social e crise política no Brasil". O número 34 d' A Comuna contou com dois artigos de fundo, escritos por um cientista político e um professor de história brasileiros e um outro artigo sobre o movimento estudantil do Estado de São Paulo. Artigos da máxima atualidade, sendo que os dois primeiros, escritos originalmente para a nossa revista, conjugam uma análise substancial das lutas sociais e crise política atual do Brasil com uma dimensão teórica assinalável.

1.5 Memória e debate presente. Convocar a memória das lutas passadas e contribuir para o debate das lutas presentes formam um eixo de ação para a nossa associação política. Por ocasião do 41º aniversário da UDP essa prioridade manifestou-se na organização de dois momentos de convívio e debate: um a 13 de dezembro, no Clube Recreativo da Cruz de Pau (Amora-Seixal), e outro no dia 19 de dezembro no Auditório do Grupo Musical de Miragaia (Porto). No primeiro, houve lugar a debate da temática da ascensão da extrema-direita, um tema apresentado pela antiga presidente da UDP. Em ambas as comemorações tiveram a palavra dirigentes atuais e realizaram-se exposições de materiais que fizeram parte da história da UDP. Na vertente da convocação da memória, esses dois momentos foram apenas uma amostra de um imenso potencial – como foi possível verificar quando Luís Monteiro, no âmbito de um trabalho da Universidade do Porto, organizou na Cooperativa Árvore uma exposição com materiais cedidos pela UDP-AP. É importante retomar as tarefas iniciadas pelo grupo de trabalho "Biblioteca e Arquivo", sendo para isso necessário encontrar meios para essa tarefa.

2 – Vivemos tempos de luta que exigem a clareza do pensamento

2.1 A viragem à direita a nível mundial confirma-se avassaladora. Por um lado, temos a crescente força eleitoral de candidatos presidenciais reacionários e neofascistas com Donald Trump, nos Estados Unidos, e Marine Le Pen, em França, o golpe institucional de Michel

Temer no Brasil, a liderança da direita em ambos os campos do debate referendário britânico. Depois da emergência da Frente Nacional francesa, agora também na Alemanha a extrema-direita AfD ameaça ser a segunda força política. Note-se ainda o caso das direitas portuguesas e espanhola que, apesar de minoritárias e sem conseguirem voltar formar governo, foram as forças mais votadas nos respetivos estados, isto mesmo depois de Passos Coelho e Mariano Rajoy terem protagonizado duros mandatos de austeridade. Por outro, temos a capitulação generalizada dos sociais-liberais, onde são representativos o governo francês Valls/Hollande que protagoniza não só um forte ataque aos direitos dos trabalhadores mas também cedências à deriva xenófoba e securitária e, na Alemanha, Sigmar Gabriel que continua a sua tarefa de parceiro menor do governo conservador alemão liderado por Angela Merkel. Ao mesmo tempo, vemos as esperanças depositadas no governo liderado pelo SYRIZA terem sido frustradas por um recuo escandaloso em que perante o forte Não do povo grego às imposições europeias se viu o Governo Tsipras ceder à chantagem europeia e aplicar mais pacotes de austeridade.

2.2 As questões da relação entre a luta de classes e o poder político são da máxima atualidade. Bem ilustrado pelo caso grego, confirma-se a máxima de que liderar um governo não é ter o poder. E muito menos é ter sequer uma liderança firme da esquerda no governo se for o caso, como foi na Grécia, de o poder ganhar laivos de apanágio pessoal ou de grupo. Tsipras e o seu governo enveredaram pela via da capitulação sem sequer ter reunido o comité central do SYRIZA, sem qualquer papel para a democracia partidária. Contra a vontade do povo, que se pronunciou em referendo, e contra a democracia do próprio partido, que nem se pode pronunciar, desbaratou-se uma acumulação de forças histórica protagonizada na luta social e política pelo SYRIZA. As frequentes fotos de família de Tsipras nas reuniões do Partido Socialista Europeu ilustram bem uma história que está por escrever totalmente mas cujo rumo já se assinala pelas várias cisões das alas esquerdas e dos setores juvenil e sindical.

2.3 A solução de governo português é uma exceção positiva mas não é uma estratégia. Um governo do PS apoiado pelas forças de esquerda Bloco e PCP-PEV impediu a direita de governar e obrigou a cedências do programa social-liberal do PS, fazendo-o aceitar um rumo que conjuga um travão à austeridade e tímidas medidas de recuperação de rendimentos. Esta solução conjuntural tem correspondido, na atual relação de forças, aos interesses imediatos da classe trabalhadora em Portugal. No entanto, o futuro do movimento está na

construção de alternativa. O PS não mudou a sua natureza e só o crescimento da esquerda produziu esta ligeiríssima inflexão no seu rumo liberal. A luta social é necessária, faz falta pressão da esquerda social para mais conquistas. A manifestação pela Escola Pública revelou-se uma resposta necessária a uma direita que agora sai à rua e se manifesta pelos seus interesses e causas (manifestações pelo financiamento público dos colégios privados). É preciso também mobilizar forças nessa e noutras causas para conquistar avanços sociais e para combater os espartilhos impostos pelo quadro institucional europeu.

O papel da associação comunista UDP é continuar a contribuir para a análise destes fenómenos políticos através dos seus meios próprios, nomeadamente a revista A Comuna, munindo os membros da UDP e outras e outros ativistas de esquerda para as lutas do presente.

3 - 100 Anos de Outubro: fazer presente a consciência revolucionária

3.1 – No ano de 2017 cumprem-se cem anos da Revolução de Outubro. **A primeira grande revolução socialista vitoriosa marcou a história contemporânea.** Heroica e fundamental para conquistas históricas da humanidade e para a derrota do nazi-fascismo, a existência e o papel do Estado Soviético marcaram o século XX. O movimento socialista mundial transformou-se quer com os seus avanços e conquistas, quer com os erros desta experiência do chamado socialismo real. A seu tempo, a UDP fez a crítica do social-imperialismo e, posteriormente, das limitações e falhas de outras experiências socialistas que, apesar de críticas da URSS, soçobraram também elas, também por erros próprios, no contexto da simbólica queda do muro ou, então, se transformaram em caricaturas com a atual potência capitalista mal-chamada República Popular da China.

3.2 100 anos depois de Outubro, importa recordar como **uma questão prática** para os nossos dias que a vitória da Revolução Russa não foi acompanhada por uma vitoriosa revolução alemã nem por outras revoluções esperadas nas demais potências capitalistas do início do século XX. 100 anos são um tempo de grandes transformações em que o eixo da exploração capitalista permanece e ganha novas complexidades. Um imperialismo global que se reconfigura com velhas e novas potências, armado de exércitos e mercados transcontinentais, com uma intrincada divisão mundial do trabalho a articular as cadeias da exploração, um capitalismo da era digital capaz de destruir a humanidade e planeta com armas sofisticadas. Um quadro que tem muito de novidades mas cujo essencial do problema

permanece: a propriedade privada dos meios de produção como base dum mundo da exploração e da opressão.

3.3 Comemorar um Século de Outubro é **fazer presente a consciência revolucionária**. Num tempo de ressurgimento de forças reacionárias e de sucessivas capitulações e recuos, discutir Outubro é lançar luzes sobre as lutas presentes. Não se trata de um exercício de nostalgia. Recordar a Revolução Russa é trazer a público, fazer e divulgar memória da luta revolucionária. E é simultaneamente munir de consciência histórica os e as militantes do presente. Convocar para o debate da Revolução de Outubro no seu significado para o presente é um contributo que se exige à nossa associação comunista.

A 10ª Conferência Nacional da UDP mandata, como principal tarefa para 2017, a Direção Nacional para organizar, diretamente ou através de grupos de trabalho, sessões públicas comemorativas dos 100 anos da Revolução de Outubro que cruzem a história de luta com os combates presentes.

Mário Durval, Almerinda Bento, Bruno Góis, Cipriano Pisco, Fátima Pinheiro, José Castro, Luís Filipe Pereira, Pedro Oliveira, Vítor Pires